

# Eco ao longo dos meus passos

Segall

Agosto, 6, 37.

Porque só o pensamento é silencioso, não poderá profanar o Grande Silêncio, em que mergulhou o amigo, este meu pequeno silêncio para um instante de lembrança.

Pode ser que a lembrança de um bem simples episódio do passado sirva para ilustrar a pobre legibilidade da arte de Lasar Segall: a profundidade da camada sedimentar na qual as suas sondas, ou estacas, iam dar nela. Foi isso...

Foi há trinta anos, precisamente, numa longa sala, transformada em "atelier", da abastada mansão dos Klabin, no Alto de Vila Mariana, Segall pintava o meu retrato. Durante as longas "pases", que eram sempre para nós dois espirítual entretenimento, expunha-me o artista idéias suas, teorias que amava, fatos de sua vida. Certa vez, discorreu sobre os valores do corpo humano no sentido da força de expressão. Já não passava de insuperável lugar-comum a considerar os olhos "o espelho da alma". Para Segall, vinham os olhos apenas em quarto lugar. Em primeiro, a testa; em segundo, as mãos; em terceiro, a boca.

Ora, eis chegado o dia em que Segall ia "trabalhar" na minha testa. Disse-me ele, então, que o momento era muito sério, decisivo para o retrato. E pediu-me que, enquanto pintava a minha fronte, procurasse "manter elevado o pensamento". Usei uma objeção: — que nada é mais fugaz que o pensamento, que a ninguém é dado impor-lhe amarras, cortar-lhes as asas... Mas Segall encontrou logo uma solução. Tirou da estante um de meus livrinhos — o poema "Roca" — e sugeriu-me que o fosse lendo com convicção enquanto ele pintava. Aceitei o alvitre: e, num palpitante silêncio, a dupla operação se foi fazendo. Mas... Ah! as inventivas associações de idéias! Como eu soube de cor os versos, e os dissei mentalmente, subiu o meu pensamento escapuliu, resvalou, fugiu, escorregou e foi derrapando pelo limbo declive de coisas materiais... Levei um susto, quando Segall, quase indignado, abandonou palheta e pincéis, pôs-se de pé e gesticulou com violência, injectando-me: — Oh! Muito baixo! Muito baixo!

E, nesse dia, não pintou mais.

Essa capacidade de descer fundo na observação para trazer à tona a "sua" verdade — eis o toque fundamental da arte, que por isso mesmo será eterna, de Lasar Segall.

bém, na terra boa. Honra pois ao que morreu assassinado há três anos por amor de sua Patria resgatada, a face pura, a consciência tranquila, o fraco desarmado, frustrado como frustrou os propósitos do sicario traícoiro e poderoso, os mesmos adversários fortalecidos pelo dinheiro, fortalecidos pela fraude e pelas armas que os de sua raça indomável, um dia, hão de esmagar.

## O crime de Garanhus

No período das pequenas comunicações o deputado Colombo de Sousa lavrou energico protesto contra o fato de haver a Editora "A Noite", de propriedade do governo, adquirido os direitos autorais das "Memórias" do padre Hontanã, assassino do bispo de Garanhus, D. Expedito.

Acentuou o representante cearense ser inaceitável que, um País de profundas tradições católicas como o Brasil, cujos sentimentos cristãos foram brutalmente abalados com a ocorrência, uma editora, pertencente ao governo, se propusesse a perpetuar em livro, um crime — relatado pelo proprio assassino — que, no seu entender "deveria ser perpetuamente esquecido".

Em aparte, o sr. Fonseca e Silva solidarizou-se com o orador enaltecedor dos sentimentos cristãos e a razão de sua revolta.

## Ultimos oradores

Antes da votação do requerimento de suspensão dos trabalhos — o que ocorreu cerca das 17 horas — passaram ainda pela tribuna os seguintes deputados: Seixas Dória, formulando requerimento de informações ao governo a respeito do andamento dos estudos para a organização, em caráter permanente, do Serviço Nacional de Recenseamento; Mario Martins, fazendo o necrológico do escritor, poeta e jornalista Bastos Tigre; João Machado discorrendo sobre a vida e a

# "GOVERNANTE TENAZ NA GUARDA DOS COFRES PUBLICOS E DA MORALIDADE DO GOVERNO"

Comvente discurso pronunciado na Câmara pelo deputado Otavio Mangabeira sobre a personalidade de Washington Luiz Pereira de Souza — Comemorando também o 3.º aniversário da morte do major Rubem Vaz — Requerimentos apresentados

RIO, 5 ("Estado" — Pelo telefone) — Tocante homenagem prestou hoje a Câmara a memória do ex-presidente Washington Luiz, através da palavra repleta de emoção, de carinho e de saudade do sr. Otavio Mangabeira, que serviu ao seu governo como ministro das Relações Exteriores e de outros oradores que se fizeram ouvir recordando os traços mais salientes do caráter e das virtudes de honradez, de inteligência, de cultura e de energia do eminente estadista desaparecido.

Foi ouvida, pelo plenário, em respeitoso silêncio a oração do antigo político e parlamentar baiano. E, ao deixar ela a tribuna onde, por duas vezes soluçou discretamente, quando rememorou episódios da vida do saudoso homem publico, de alguns dos quais participou, o plenário e a assistência popular que ocupava as tribunas especiais e as galerias, como que sentindo as vibrações das suas derradeiras palavras de exaltação da memória do amigo querido e inesquecível associaram-se às suas manifestações de pesar, aplaudindo-o demoradamente e de pé — espetáculo que pela primeira vez se registra na história da nossa vida parlamentar.

### O discurso

Disse o sr. Otavio Mangabeira: "Se a Nação fosse consultada sobre o epitáfio mais cabível ou mais condizente com o tumulo que hoje se vai abrir na Capital de São Paulo, para recolher os despojos de quem se chamou em vida Washington Luiz Pereira de Souza, acredito, sr. presidente, que seriam estas as palavras, aparentemente muito expressivas, a inscrever-se na pedra funerária: "Aqui repousa um grande homem de bem". Porque esse é o traço mais vivo, essa impressão mais profunda que dei-

o famoso PRP, de quem evidentemente dependia a sua sorte politica, não se tendo consumado o rompimento graças a certas intervenções que se deram no sentido de evitá-lo. "Nada fiz para ser candidato", disse-me ele, certa vez em palestra no Catete. "Ao contrario, se fiz alguma coisa, foi, antes, para não ser. Não obstante, aqui estou".

Terá tido o presidente Washington Luiz um candidato à sua sucessão, e, querendo impô-lo ao País, provocou a revolução que haveria de depô-lo? O momento não é oportuno para a discussão do caso. Mas afirmo que, ainda aí, como tanto acontece na história, há uma diferença, não pequena, entre o que realmente aconteceu e o que passou como sendo a realidade dos fatos.

E' possível, sr. presidente, que o historiador de amanhã seja convidado a julgar, com a serenidade devida, se a circunstancia ou a coincidência de terem ocupado no Brasil sucessivamente a Presidência três homens de Estado como Epitacio Pessoa, Artur Bernardes e Washington Luiz, diferentes, é claro, entre si, muito parecidos, entretanto, quanto à fibra de que



O dep. Otavio Mangabeira

A lembrança melhor que de ti guardo é a daquela noite atribulada de 23 para 24 de outubro, em que a impressão que nos deste, aos olhos Guanabara, não foi a de abatimento, a de prostração ou a de fraqueza, mas a de alguém a multiplicar-se em esforços para lutar contra o irremediavel, e, finalmente, a de um leão ferido.

Seis dos que te serviram de ministros — Nestor Sefredo dos Passos, Lira Castro, Vitor Konder, Viana do Castelo, Oliveira Botelho, Getúlio Vargas — te precederam na morte. Restamos dois: Pinto da Luz e eu. Acreditado, porém, que, se a todos, sem exceção de nenhum, fosse dado falar neste momento, seria para aprovar a declaração que ora faço: a de que nos sentimos honrados em ter participado no governo a que dignamente presidiste.

Quisera poder alongar-me na descrição, ou na critica, verdadeira, conquanto afetuosa, da tua forte personalidade. Não resisto, porém, a prestar-te a homenagem, pelo menos, de alguns depêimentos, que são como nobres flores, destas que em dinheiro custam pouco, mas em sinceridade valem muito, e de que quero ornar-te a sepultura.

Vite bem de perto no poder. Posso dizer, porque vi governante jamais houve que fosse mais vigilante, mais energico, mais intransigente, mais tenaz, na guarda dos cofres publicos e da moralidade do governo. Vite longamente no ostracismo. Posso dizer, porque vi: a reserva, a profunda reserva em que te sepultaste, nunca significou de tua parte que te iouesses tornado indiferente à sorte do Brasil, objeto constante, invariavel, das tuas mais vivas, intimas e angustiosas preocupações. Posso dizer, porque vi o que foste em carinho, em desvelo, em dedicação comovedora, através de meses e meses, pela companhia dos teus dias, quando, no exilio, a consumia aos poucos, até que aí matou uma doença que nunca foi diagnosticada, e que ter sido certamente o mal inenarravel, que é para o expatriado a nostalgia.

Hoje vais a ela reunir-te, nessa eternidade em que investe a infidelidade de não crer, mas diante de cujos tribunais, que são os de justiça que não falla, podes comparecer tranquilamente, porque, sem dúvida, sobreviveu, nesta vida, ao que cometeste em pecado e que praticaste em virtude, em bons e belos exemplos, em uma palavra, em retidão.

Ainda bem que recebeste, com teu assentimento, enquanto ainda em luzes na terra, a benção de Deus, nos atos e palavras, atos de beleza incomparavel, palavras inex-

### Outros oradores

No encaminhamento da votação do requerimento que sollicitava intervenção em ata de um voto de profundo pesar pelo passamento do ex-presidente da Republica falaram ainda em nome dos seus respectivos partidos os srs. Horacio Lafer (PSD de São Paulo), Castilho Cabral (PTN de São Paulo), Arnaldo Cordeira (PSP de São Paulo), Luis Compagnoni (PRP do Rio Grande do Sul), Chagas Rodrigues (PTB do Piaul), Arruda Camara (PDC de Pernambuco) e Dilermando Cruz (PR de Minas).

Aprovado o requerimento e antes de levantar a sessão, o presidente Ulisses Guimarães solidarizou-se com as homenagens proferindo as seguintes palavras: "Washington Luiz é um exemplo. Felicidade para o Brasil se tiver muitos seguidores. Esse seu destino civic resalta dos discursos que, na Câmara dos Deputados, expressaram a gratidão nacional ao preclaro estadista, notadamente o proferido pelo notavel tribuno Otavio Mangabeira, seu ministro, seu amigo e seu admirador."

Filho do Estado cuja politica Washington Luiz representou e dignificou, venho em nome da Mesa solidarizar-me ás homenagens que consagram o grande brasileiro. Quero ater-me a três aspectos exemplares de sua vida publica. Primeiro, que em politica não se improvisa. Conheceu as necessidades fundamentais do Brasil manejando os problemas municipais em Batatais, no Estado de São Paulo. Tendo sido prefeito, governador e presidente da Republica realizou a carreira politica sem carreirismo, sem a quebra fatal de etapas necessarias ao seguro e persistente exercicio do duro officio de governar.

Segundo, soube estoicamente calar quando entendeu que sua palavra, principalmente no Exterior, mais poderia prejudicar do que favorecer o bom nome do Brasil. Por ultimo, a unanimidade do pesar e do emaltecimento ao glorioso estadista constitui consolo e esperanza para todos quantos, como ele, transitamos em angustiosas vias politicas. Poucos neste País foram tão atacados, negados e caluniados. Tendo sido digno e patriota, a posteridade lhe fez justiça que começou a ser annunciada pelo povo através dos seus representantes nesta Casa.

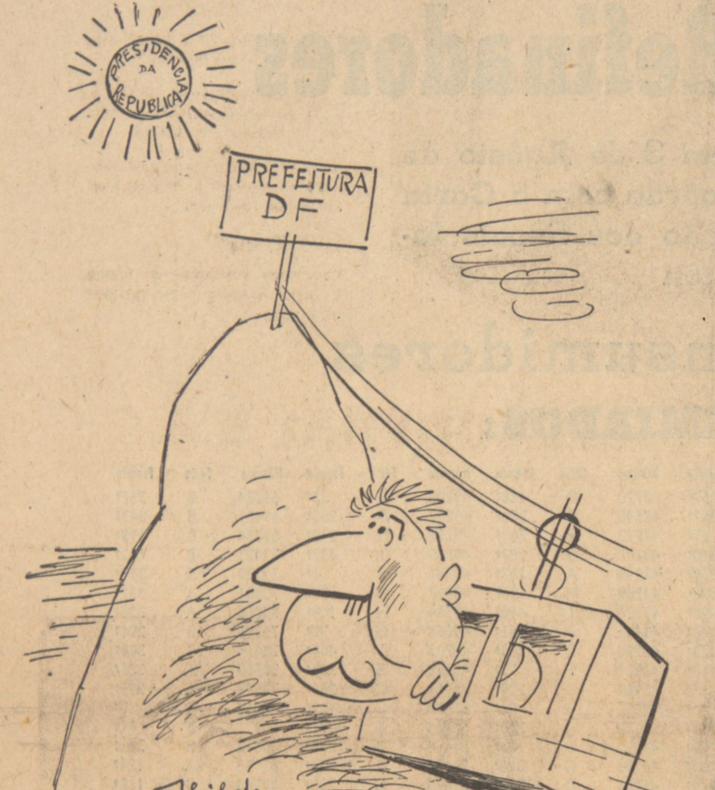
Limpo em sua vida privada e publico, Washington Luiz foi patriota. Que Deus o tenha junto a si como eterna recompensa por tudo que fez por São Paulo e pelo Brasil."

Limpou em sua vida privada e publico, Washington Luiz foi patriota. Que Deus o tenha junto a si como eterna recompensa por tudo que fez por São Paulo e pelo Brasil."

Limpou em sua vida privada e publico, Washington Luiz foi patriota. Que Deus o tenha junto a si como eterna recompensa por tudo que fez por São Paulo e pelo Brasil."

### Major Vaz

Durante o grande expediente o deputado Aduatto Cardoso em no-



Viajando na "cozinha"...

xa ele, de si, aos seus contemporaneos, para que o transmitam ás gerações, aos posteriores que hão de julgá-lo.

Deposto, já quase ao fim do seu governo, quando dentro de poucos dias a sua deposição, para dar lugar ao deputado eleito, gregos e troianos reconhecem e é hoje ponto pacifico nas cronicas do regime: honrou na queda o mandato de chefe da Nação, tanto é verdade que caiu de pé. Altivo, brioso, intrepido, se revelou na hora amarga, ao ver naufragar com ele o barco, a nau das instituições confiadas ao seu comando. E teve a rara fortuna de sobreviver muitos anos à sua deposição, para dar longamente ao País o magnifico exemplo, não sei se diga o espectáculo, da dignidade modelar com que soube portar-se no ostracismo, e morrer cercado da aureola, indiscutivelmente das mais belas a que podem aspirar os homens publicos: a do respeito geral dos seus compatriotas.

"Morri em 1930" — costumava assim dizer, quando lhe pediam que fizesse declarações politicas, que nunca mais as fez. Dir-se-ia que calava, para que fesses por ele, sobre o que resultou praticamente da revolução que o depôs, uma voz mais autorizada, porque de todo insuspeita: a dos proprios que o depuseram.

O que mais o distinguiu, no exercicio dos altos cargos a que o elevou o destino, foi, a meu ver, a severidade no escrupulo, em que ninguém o excedeu, quanto, não somente a não tirar dos referidos cargos, directa ou indirectamente, para si ou para os seus, proveito material de qualquer ordem, mas também a não permitir que por ventura o tirasse quem quer que tivesse a pretensão de fazê-lo, abusando da sua confiança ou da sua intimidade.

Há um conceito, sr. presidente, ou antes, uma noção, sobre a qual tenho muito refletido, e ainda agora reflito, quando considero a vida publica de Washington Luiz: é o conceito ou a noção de habilitação em politica. Nesse particular, como é notorio, não faltou quem proclamasse, não faltou quem proclamasse a sua inabilidade. Fosse habilitado, e teria, de certo, evitado — é o que muito se tem dito, quem sabe se até eu proprio — a grande crise politica que acabou por envolvê-lo, com o desenlace da revolução.

Por outro lado, entretanto, ouçamos o que nos diz, em breves termos, a sua biografia.

Mozão pobre, nascido em Macacé, na provincia do Rio de Janeiro, aos 26 de outubro de 1860, uma vez formado em Direito, foi fixar-se em São Paulo, como tantos outros o têm feito, e continuou a fazê-lo, um pouco à semelhança dos colonos que ali chegam, de mãos vazias, na esperanza de vencer pela perseverança no trabalho. Escolheu, para assentar acampamento, a cidade de Batatais. Pode ser que o casamento em uma grande familia paulista lhe tenha servido de auxilio no inicio da jornada.

mo, tudo nele resumava autoridade e energia. Embora amavel e sorridente no trato, nada tinha, contudo, de melifluo, homem, ao contrario, de arestas, e, tais fossem as circunstancias, de antes quebrar que torcer. Dal, consequentemente, a fama que criou de obstinado.

Citarei dois ou três episodios, entre muitos que podem defini-lo. Quando Epitacio Pessoa, não é claro, por fraqueza, homem forte que também era, resolveu acconheitar os lideres politicos a desistir da candidatura Bernardes, em virtude dos graves obstaculos que assustadoramente a ela se opunham, sobretudo nos meios militares, ele, Washington Luiz, do Palacio dos Campos Eliseos, que no momento occupava, não hesitou um minuto em declarar a sua discordancia do ponto de vista presidencial. Pro-nunciou, então, aquella frase, que se fez, ao tempo, objeto de tantos comentarios, e foi decisiva para o caso: — "A atitude de São Paulo é definida e definitiva".

Quando, mais tarde, Bernardes, igualmente de rija tempera, arvorou no Catebe a bandeira da revisão da Constituição, e-lo que, já fora do governo, discorda novamente: revisão de Constituição, em vigencia de estado de sitio, equivale a golpe de Estado.

Certa vez, secretario da Segurança ou chefe de Polícia, declarou-se uma revolta em um dos quartéis da Força Publica. Encaminhou-se sozinho para o foco da rebelião, e, com a sua presença, a dominou.

Convidado por Epitacio para ministro da Guerra, declinou do convite. Visava, talvez, de preferencia, à hipotese de vir a candidatar-se, como veio, ao governo de São Paulo.

Não é, porém, que corresse atrás das posições. Há um fato sobre o assunto que é muito elucidativo — da sua ascensão à Presidencia. Deixando o governo do Estado, desagrado profundamente a Bernardes, em uma questão vital — a da reforma da Constituição. E em Paris, onde foi passar algum tempo, não vaciou, diante do que ocorria na politica interna paulista, em romper com o seu partido,

eram dotados, terá ou não influido na Historia ou nos destinos do regime.

Como quer que seja, o que se apura é que da banca de advogado modesto, da também modesta Batatais, onde se fez desde logo vereador e prefeito, o paulista de Macacé, como tantas vezes lhe chamaram, partiu, de passo firme e fronte erguida, para realizar uma carreira das mais regulares e completas, das mais harmoniosas, talvez a mais continua e ininterrupta em sua marcha ascendente, que já algum realizou no País: Câmara e Senado estaduais, secretario do Estado em duas vezes, da Capital paulista, governador do Estado, senador federal, presidente da Republica, transpondo os umbrais do Catebe aos 56 anos de idade. Em todas as posições que passou, se erros terá cometido, deixou marcas de sua passagem em realizações iniludiveis, e antes boa que má lembrança.

Dir-se-á que uma grande sorte, ou seja, uma boa estrela o acompanhou nos seus passos. Eis, porém, que, de uma hora para outra, e justo quando se achava no vertice da montanha, lhe aconteceu cair verticalmente. E o que se seguiu é o que vimos: nada menos de 27 anos, por assim dizer, de exilio, dezessete fora da Patria e dez na terra natal. Mas, então, se conduziu de tal maneira, com tal decencia, com tal compostura, com tal nobreza e elevação de attitu-

**TUBOS PRETOS GALVANIZADOS**  
• Preços...  
• Entre...  
**SONDA**  
Av. F...